

# O “MUSEU COLONIAL” DAS COMISSÕES GEOLÓGICAS DE PORTUGAL. EMERGÊNCIA E MEMÓRIA CIENTÍFICA

José Manuel BRANDÃO

INETI-IP / Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência ([josembrandao@gmail.com](mailto:josembrandao@gmail.com))

## RESUMO

Durante o último quartel do século XIX, intensificou-se, de forma generalizada, o interesse das várias potências sobre os territórios africanos que se supunham plenos de riquezas agrícolas, florestais e sobretudo minerais. Portugal, tentou acompanhar também o ritmo, lançando-se no reconhecimento científico das suas províncias ultramarinas, empresa estreitamente ligada à actividade da *Sociedade de Geographia* fundada em Lisboa em 1875 e, posteriormente, à *Comissão de Cartographia*, criada da dependência do Ministério da Marinha.

Nenhuma das colónias dispunha, porém, de serviços de geologia institucionalizados que procedessem ao seu estudo detalhado, podendo dizer-se que o conhecimento geológico que então delas se tinha se resumia praticamente aos lugares onde eram explorados alguns recursos mineiros e a observações isoladas realizadas no decurso dos trabalhos de Obras Públicas e Geodesia.

Tal situação era pois justificação bastante para que à *Comissão Geológica* do Reino (1857-1918), interlocutor do Estado para o reconhecimento do país, ainda que apenas da Metrópole, fossem chegando colecções de produtos minerais das antigas colónias, recolhidas por oficiais, missionários e outras entidades, vindas, algumas delas, através do Ministério das Colónias. É Paul Choffat (1849-1919), autor das “instruções” difundidas pela Sociedade de Geografia para a organização de colheitas quem, na Comissão Geológica, se encarrega desses materiais, estudando e publicando alguns artigos e memórias.

Para além da necessidade de organizar cientificamente as sucessivas remessas de amostras provenientes sobretudo de Angola e Moçambique, não será despiciendo admitir que a difusão entre os meios intelectuais, sobretudo ligados à Sociedade de Geografia, de um ideário colonial, poderá ter ajudado a criar o ambiente propício para que Nery Delgado (1835-1908) propusesse, em 1905, a constituição de uma “Sala Colonial” no seio do museu instalado pelas primeiras “Comissões” no final da década de cinquenta (séc. XIX).

No fundo, a emergência desta nova estrutura pode encarar-se como um eco do então Museu Colonial que funcionava na dependência do Ministério da Marinha e como uma extensão do *Museu Colonial e Ethnographico* da Sociedade de Geografia mais focado noutras áreas disciplinares.

Longe de constituir uma fracção ou serviço autónomo, a sala de geologia colonial, na solução de continuidade espacial imposta pela geometria do edifício, constituiu o prolongamento natural do Museu Geológico. O acervo, que continuou a crescer até meados dos anos vinte, integrava, entre outras, as colheitas de destacadas personalidades do serviço colonial como por exemplo Rego Lima, Gago Coutinho, Freire de Andrade e Eduardo Newparth entre outros, constituindo uma ferramenta essencial para o conhecimento da geologia dos extensos territórios da África continental.

A sala colonial manteve-se no Museu Geológico até aos anos sessenta, estando actualmente as suas colecções em reserva.

Com a presente comunicação pretende-se chamar a atenção para uma estrutura museológica porventura pouco divulgada, inegavelmente ligada ao ideário colonial difundido pelos finais do século XIX. As suas colecções, actualmente em reserva, preservam a memória das expedições realizadas em solo africano por diversos e notáveis exploradores coloniais, constituindo também um testemunho histórico de grande valia do ponto de vista do (re)conhecimento geológico daqueles territórios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comissão Geológica, museu colonial; Angola, Moçambique

### **Objecto**

O museu colonial criado pela Comissão Geológica em 1905 com as colecções oferecidas por diversas entidades estabelecidas nas antigas “províncias ultramarinas” portuguesas

### **Objectivos**

Contribuir para o conhecimento da actividade museológica da Comissão Geológica de Portugal, mediante interpretação e valorização das suas memórias científicas

Contribuir para o conhecimento da historiografia de factos relevantes no domínio da exploração científica das antigas colónias portuguesas

### **Enfoque**

A presente comunicação aborda as sucessivas entradas de colecções africanas na Comissão Geológica e a constituição, com base nesta acumulação, de um museu colonial, comentando-se o contexto da sua emergência e o seu significado científico e político.

Identificam-se alguns dos principais actores, quer ao nível da Comissão, quer do lado dos doadores.

### **Sustentação**

Estas considerações têm por base, o estudo da documentação relativa à entrada de materiais nas sucessivas “Comissões Geológicas” existente no Arquivo Histórico do actual INRTI-IP, herdeiro daqueles organismos pioneiros.